

JULIO CORTÁZAR

Contos completos 2

(1969–1983)



cavalo de ferro

ÍNDICE

ÚLTIMO ROUND

Silvia.....	15
A viagem.....	27
Sestas.....	38

OCTAEDRO

Liliana a chorar.....	55
Os passos nas pegadas.....	64
Manuscrito encontrado num bolso	83
Verão.....	95
Aí mas onde, como.....	104
Lugar chamado Kindberg.....	114
As fases de Severo.....	125
Pescoço de gatinho preto.....	135

ALGUÉM QUE ANDA POR AÍ

Mudança de luzes.....	151
Ventos alísios.....	161
Segunda vez.....	170
Você deitou-se ao seu lado.....	178
O nome de Boby.....	189

Apocalipse de Solentiname.....	198
A barca ou A nova visita a Veneza	206
Reunião com um círculo vermelho.....	245
As faces da moeda.....	253
Alguém que anda por aí.....	267
A noite de Mantequilla	274

UM CERTO LUCAS

I

Lucas, as suas lutas com a hidra.....	293
Lucas, as suas compras	296
Lucas, o seu patriotismo	299
Lucas, o seu patrioteirismo	300
Lucas, o seu patiotismo.....	301
Lucas, as suas comunicações	302
Lucas, as suas intrapolações	304
Lucas, os seus desconcertos	305
Lucas, as suas críticas da realidade	307
Lucas, as suas aulas de espanhol.....	308
Lucas, as suas meditações ecológicas	310
Lucas, os seus solilóquios.....	312
Lucas, a sua nova arte de pronunciar palestras	314
Lucas, os seus hospitais (I)	318

II

Destino das explicações.....	321
O co-piloto silencioso.....	322
Poderia acontecer-nos, acreditem	326
Laços de família.....	328
Como se passa ao lado.....	329
Um pequeno paraíso	331

Vidas de artistas	334
Texturologias.....	339
O que é um polígrafo?.....	342
Observações ferroviárias.....	345
Nadando na piscina de gofio.....	347
Famílias.....	350
<i>Now shut up, you distasteful Adbekunkus</i>	351
Amor 77.....	353
Novidades nos serviços públicos.....	354
A brincar a brincar e já vão seis.....	360
Diálogo de ruptura	361
Caçador de crepúsculos.....	363
Maneiras de estar preso.....	365
A direcção do olhar.....	368

III

Lucas, as suas canções errantes.....	371
Lucas, os seus pudores.....	374
Lucas, os seus estudos sobre a sociedade de consumo	376
Lucas, os seus amigos.....	377
Lucas, os seus engraxamentos 1940.....	382
Lucas, os seus presentes de aniversário	384
Lucas, os seus métodos de trabalho	386
Lucas, as suas discussões partidárias.....	387
Lucas, as suas traumatoterapias	392
Lucas, os seus sonetos.....	394
Lucas, os seus sonhos.....	399
Lucas, os seus hospitais (II).....	400
Lucas, os seus pianistas	406
Lucas, as suas longas caminhadas	407

UM CERTO LUCAS (INESPERADO)

Hospital Blues.....	411
Lucas, as cartas que recebe	420
Lucas, as suas descobertas azarosas.....	421
Lucas, as suas erratas.....	422
Lucas, as suas experiências cabalísticas.....	425
Lucas, as suas hipnofobias.....	427
Lucas, os seus furacões.....	429
Lucas, as suas palavras moribundas.....	431
Lucas, os seus poemas escritos na Unesco	433
Lucas, as suas relações sociais.....	435
Lucas, os seus papelinhos soltos.....	436

GOSTAMOS TANTO DA GLENDIA

I

Orientação dos gatos	439
Gostamos tanto da Glenda	443
História com aranhas.....	450

II

Texto num caderno.....	461
Recortes de imprensa	477
Tango do regresso.....	491

III

Clone.....	505
<i>Nota sobre o tema de um Rei e a vingança de um Príncipe.....</i>	<i>518</i>
Grafiti.....	522
Histórias que me conto	527
Anel de Moebius	538

DESORAS

Garrafa atirada ao mar	555
Fim de etapa	561
Segunda viagem	571
Sotar	584
A escola à noite.....	599
Desoras.....	620
Pesadelos.....	635
Diário para um conto	645

HISTÓRIAS (INESPERADAS)

Teoria do caranguejo.....	677
<i>Ciao</i> , Verona.....	678
Potássio em diminuição.....	698
Peripécias da água.....	702
Em Matilde.....	704
A fé no terceiro mundo.....	706
Sequências	708

ÚLTIMO ROUND
(1969)

SILVIA

Vá-se lá saber como poderia ter acabado algo que nem sequer tivera princípio, que começara já a meio e terminara sem se perceber bem como, esfumando-se na orla de outra névoa; em todo o caso, há que começar por dizer que muitos argentinos passam parte do Verão nos vales do Luberon; nós, os veteranos da zona, ouvimos com frequência as suas vozes estridentes, que parecem trazer consigo um espaço mais aberto, e com os pais vêm as crianças, e isso também é Silvia, os canteiros pisados, almoços com bifes espetados em garfos e bochechas, choros terríveis seguidos de reconciliações com um vincado tom italiano; aquilo a que se costuma chamar férias em família. A mim incomodam-me pouco, porque me protege uma justa fama de mal-educado; o meu filtro abre-se apenas para deixar passar Raúl e Nora Mayer, e naturalmente os seus amigos Javier e Magda, o que por sua vez inclui os miúdos e Silvia; o churrasco em casa de Raúl, há uns quinze dias, foi algo que nem sequer teve princípio e, no entanto, é sobretudo Silvia, essa ausência, que agora povoa a minha casa de homem solitário, que roça a minha almofada com a sua medusa dourada, que me obriga a escrever o que escrevo com uma absurda esperança de feitiço, de doce encantamento feito de palavras. De qualquer forma, há que incluir também Jean Borel, que ensina literatura das nossas terras numa universidade occitana, a sua mulher Liliane e o minúsculo Renaud, em quem se acumulavam, tumultuosos, dois anos de vida. Quanta gente para um simples churrasco no jardim da casa de Raúl e Nora, organizado sob uma vasta tília, que não parecia acalmar ninguém na hora das lutas infantis e das discussões literárias.

Cheguei com várias garrafas de vinho e um sol que se deitava sobre as colinas. Raúl e Nora tinham-me convidado porque Jean Borel andava a pedir para me conhecer, mas não se atrevia a dar o primeiro passo sozinho. Nesses dias, Javier e Magda também estavam hospedados na casa. O jardim era um campo de batalha, metade sioux, metade galo-romano; guerreiros emplumados combatiam sem tréguas, com vozes de soprano e bolas de barro. Graciela e Lolita aliadas contra Álvaro e, no meio daquele fragor, o pobre Renaud cambaleava com os seus calções feitos de algodão maternal e com uma tendência para passar o tempo todo de um lado para o outro, traidor inocente e desprezado de quem apenas Silvia se ocupava. Sei que amontoo nomes, mas também demorei a interiorizar a ordem e as genealogias. Lembro-me de que saí do carro com as garrafas debaixo do braço e que, a poucos metros, vi surgir entre os arbustos a faixa do Bisonte Invencível, a sua expressão desconfiada diante do novo Cara-Pálida. A batalha pelo forte e pelos reféns travava-se em torno de uma pequena tenda de campanha verde, que parecia ser o quartel-general do Bisonte Invencível. Num descuido fatal para com uma ofensiva possivelmente crucial, Graciela deixou cair as suas munições pegajosas e acabou por limpar as mãos no meu pescoço; depois sentou-se, imperturbável, ao meu colo, e explicou-me que Raúl e Nora estavam lá em cima com os outros adultos e que já viriam, detalhes sem importância quando comparados com a dura batalha do jardim.

Graciela sempre sentiu a obrigação de me explicar tudo, partindo do pressuposto de que eu era tolo. Por exemplo, naquela tarde, o pequeno dos Borel não contava para nada, não percebes que o Renaud tem dois anos, ainda faz cocó nas calças, ainda há pouco lhe aconteceu isso, e eu ia avisar a mãe, porque ele estava a chorar, mas a Silvia levou-o para junto da piscina, lavou-lhe o rabinho e mudou-lhe a roupa, a Liliane nem se apercebeu, porque, sabes, ela zanga-se muito e, às vezes, dá-lhe uma palmada, e então o Renaud desata a chorar outra vez, chateia-nos o tempo todo e não nos deixa brincar.

— E os outros dois, os mais velhos?

— São os filhos do Javier e da Magda, não percebes, seu tolo? São só eles. O Álvaro é o Bisonte Invencível, tem sete anos, mais dois meses

do que eu, e é o mais velho. A Lolita tem seis, mas já brinca, é a prisioneira do Bisonte Invencível. Eu sou a Rainha da Floresta e a Lolita é minha amiga, por isso tenho de a salvar, mas continuamos amanhã porque agora já nos chamaram para o banho. O Álvaro fez um corte no pé e a Silvia pôs-lhe um penso. Agora larga-me, que tenho de ir.

Ninguém estava a agarrá-la, mas Graciela tinha sempre necessidade de reiterar a sua liberdade. Levantei-me para cumprimentar os Borel, que estavam a sair da casa com Raúl e Nora. Alguém, creio que Javier, servia o primeiro *pastis*; a conversa iniciava-se com o cair da noite, a batalha mudou de natureza e de idade, transformou-se num estudo sorridente entre homens que acabavam de se conhecer. As crianças tomavam banho, já não havia gauleses nem sioux no jardim. Borel queria saber por que motivo eu não voltava para o meu país; Raúl e Javier sorriam os seus sorrisos compatriotas. As três mulheres ocupavam-se da mesa; curiosamente, pareciam-se entre si, Nora e Magda unidas pelo sotaque de Buenos Aires, enquanto o espanhol de Liliane vinha do outro lado dos Pirenéus. Chamámo-las para beberem o *pastis*. Descobri que Liliane era mais morena do que Nora e Magda, mas a semelhança persistia, numa espécie de ritmo comum. Agora falava-se de poesia concreta, do grupo da revista *Invenção*; entre Borel e eu surgia um terreno comum, Eric Dolphy; o segundo copo iluminava os sorrisos trocados entre Javier e Magda, enquanto os outros dois casais já viviam aquele tempo em que a conversa em grupo liberta antagonismos, ventila diferenças que a intimidade cala. Já era quase de noite quando as crianças começaram a aparecer, limpas e entediadas; primeiro, os filhos de Javier, a discutir por causa de umas moedas, Álvaro teimoso e Lolita petulante; depois, Graciela, levando pela mão Renaud, que já tinha a cara suja outra vez. Junta-ram-se perto da pequena tenda de campanha verde; nós debatíamos Jean-Pierre Faye e Phillippe Sollers, a noite inventou o fogo do churrasco, até então pouco visível entre as árvores, envolveu-se em reflexos dourados e mutáveis que tingiam os troncos e faziam recuar os limites do jardim. Creio que foi nesse momento que vi Silvia pela primeira vez. Eu estava sentado entre Borel e Raúl, e à volta da mesa redonda sob a tília estavam Javier, Magda e Liliane; Nora ia e vinha,

trazendo pratos e talheres. O facto de não me terem apresentado Silvia parecia-me estranho, mas ela era muito jovem e talvez quisesse manter as devidas distâncias. Compreendi o silêncio de Raúl ou de Nora; evidentemente, Silvia estava naquela idade difícil, recusava-se a entrar no jogo dos adultos, preferia impor a sua autoridade ou prestígio junto das crianças agrupadas perto da tenda verde. De Silvia, tinha conseguido ver pouco. O fogo iluminava violentamente um dos lados da tenda, e ela estava agachada ali, junto a Renaud, limpando-lhe o rosto com um lenço ou um pano. Reparei nas suas coxas luzidias, jovens e bem delineadas, ao mesmo tempo que atentava no estilo de Francis Ponge de que Borel me falava. As suas pernas permaneciam na sombra, tal como o torso e o rosto, mas o cabelo comprido ia reluzindo de repente com as chamas que esvoaçavam; um cabelo também de ouro velho; toda ela parecia revestida de fogo, de bronze espesso; a minissaia descobria-lhe as coxas até ao ponto mais alto, e Francis Ponge tinha sido injustamente ignorado pelos jovens poetas franceses até que agora, com as experiências do grupo *Tel Quel*, passara a ser reconhecido como um mestre. Era impossível perguntar quem era Silvia, porque não estava ali connosco, e além disso o fogo engana, talvez parecesse mais velha do que era e o mundo dos sioux continuasse a ser o seu território natural. A Raúl interessava a poesia de Jean Tardieu, e tivemos de explicar a Javier quem ele era e o que escrevia. Quando Nora me trouxe o terceiro *pastis*, não consegui perguntar-lhe por Silvia, a discussão estava demasiado acesa e Borel bebia as minhas palavras como se tivessem um enorme valor. Vi levarem uma mesinha baixa para perto da tenda, os preparativos para que as crianças jantassem à parte. Silvia já não estava lá, mas a sombra apagava os contornos da tenda e talvez se tivesse sentado mais longe ou vagueasse por entre as árvores. Forçado a ventilar opiniões sobre o alcance das experiências de Jacques Roubaud, mal conseguia surpreender-me com o meu próprio interesse por Silvia, com o facto de o seu súbito desaparecimento me inquietar de forma ambígua. Quando terminei de dizer a Raúl o que pensava sobre Roubaud, o fogo voltou a transformar-se, por um instante fugaz, em Silvia; vi-a passar junto à tenda, levando pela mão Lolita e Álvaro, atrás vinham Graciela e

Renaud, saltando e dançando num último avatar sioux. Como seria de esperar, Renaud caiu de cara no chão, e o grito que lançou sobresaltou Liliane e Borel. Do grupo ergueu-se a voz de Graciela: «Não é nada, já passou!», e os pais retomaram a conversa com aquela naturalidade que nasce da monotonia quotidiana das quedas dos sioux. Agora tratava-se de encontrar um sentido para as experiências aleatórias de Xenakis, pelas quais Javier demonstrava um interesse que a Borel parecia desmesurado. Por entre os ombros de Magda e Nora, via ao longe a silhueta de Silvia, mais uma vez agachada junto a Renaud, mostrando-lhe um brinquedo qualquer para o consolar. O fogo iluminava-lhe as pernas e o perfil; adivinhei-lhe um nariz fino e ansioso, lábios de estátua arcaica (mas não acabara Borel de me perguntar algo sobre uma pequena estatueta cicládica de que me achava responsável? E a referência de Javier a Xenakis não desviara o tema para algo mais valioso?). Senti que, naquele momento, se desejava saber algo, era sobre Silvia; conhecê-la de perto, sem os encantos emprestados pela luz do fogo, devolvê-la a uma provável mediocridade de rapariga tímida ou confirmar se aquela silhueta era realmente assim tão bela e vibrante ou se se dissiparia como uma mera ilusão. Teria querido dizê-lo a Nora, com quem tinha uma velha confiança, mas Nora organizava a mesa e colocava guardanapos de papel, não sem exigir a Raúl a compra imediata de algum disco de Xenakis. Do território de Silvia, outra vez invisível, surgiu Graciela, a pequena gazela, a sabichona. Ofereci-lhe a velha cortesia de um sorriso, estendi-lhe as mãos para a ajudar a instalar-se no meu colo; aproveitei-me das suas notícias entusiasmadas sobre um escaravelho peludo para me desligar da conversa sem que Borel me achasse indelicado e, mal pude, perguntei em voz baixa se Renaud se tinha magoado.

— Claro que não, tolo, não foi nada. Ele está sempre a cair, só tem dois anos, percebes? A Silvia pôs-lhe água no galo.

— Quem é a Silvia, Graciela?

Olhou para mim como que surpreendida.

— Uma amiga nossa.

— Mas é filha de algum destes senhores?

— Estás louco — retorquiu Graciela, com um ar de enorme sensatez. — A Silvia é nossa amiga. Mamã, não é verdade que a Silvia é nossa amiga?

Nora suspirou, pousando o último guardanapo junto ao meu prato.

— Porque é que não voltas para junto das outras crianças e deixas o Fernando em paz? Se ela se puser a falar de Silvia, vais ficar aí preso durante horas.

— Porquê, Nora?

— Porque, desde que a inventaram, não nos dão descanso com essa Silvia — disse Javier.

— Nós não a inventámos — protestou Graciela, agarrando-me o rosto com as duas mãos, tentando arrancar-me ao mundo dos adultos. Pergunta à Lolita e ao Álvaro, e vais ver.

— Mas quem é a Silvia? — insisti.

Nora já estava longe demais para ouvir, e Borel discutia novamente com Javier e Raúl. Os olhos de Graciela fixavam-se nos meus, e fazia uma espécie de biquinho com a boca, com o seu ar trocista e sabichão.

— Já te disse, tolinho, é nossa amiga. Ela brinca connosco quando lhe apetece, mas não aos índios, porque não gosta. Ela já é muito grande, percebes? Por isso é que está sempre a tomar conta do Renaud, que só tem dois anos e ainda faz cocó nas calças.

— Veio com o senhor Borel? — perguntei em voz baixa. — Ou com o Javier e a Magda?

— Não veio com ninguém — respondeu Graciela. — Pergunta à Lolita e ao Álvaro, vais ver. Ao Renaud não perguntes, porque ele é pequeno e não percebe. Agora, deixa-me, tenho de ir.

Raúl, que parecia sempre guiado por um radar, arrancou com uma reflexão sobre Letrismo, lançando-me um olhar condescendente.

— A Nora avisou-te. Se seguires a deixa deles, vão deixar-te maluco com essa Sílvia.

— A culpa foi do Álvaro — explicou Magda. — O meu filho é um mitómano e engana toda a gente.

Raúl e Magda continuavam a olhar para mim. Seguiu-se uma fracção de segundo em que poderia ter dito: «Não percebo», forçando-os

a explicar-se, ou simplesmente: «Mas a Sílvia está ali, acabei de a ver.» Não creio, agora que tenho demasiado tempo para pensar nisso, que a distração provocada por Borel me tenha impedido de o fazer. Borel acabara de me fazer uma pergunta qualquer sobre *A Casa Verde*. Comecei a falar sem saber bem o que dizia, mas o que sei é que já não me dirigia nem a Raúl nem a Magda. Vi Liliane aproximar-se da mesa das crianças e sentá-las em banquinhos e caixotes velhos; o fogo iluminava-as como nas gravuras dos romances de Hector Malot ou de Dickens, os ramos da tília cruzavam-se momentaneamente entre um rosto ou um braço erguido, ouviam-se risos e protestos. Falava com Borel sobre Fushía, deixando-me levar pela corrente daquela jangada da memória onde Fushía estava inegavelmente vivo. Quando Nora me trouxe um prato de carne, murmurei-lhe ao ouvido:

— Não percebi muito bem essa história das crianças.

— Pronto, também tu caíste na história deles — disse Nora, lançando um olhar compassivo aos outros. — Ainda bem que depois vão dormir, porque és uma vítima nata, Fernando.

— Não lhes lighes — interveio Raúl. — Nota-se que não tens prática,avas os miúdos demasiado a sério. Há que ouvi-los como quem ouve chover, meu velho, senão acabas louco.

Talvez nesse momento tenha perdido o possível acesso ao mundo de Sílvia. Jamais saberei por que motivo aceitei tão prontamente a hipótese de se tratar de uma brincadeira, uma piada que os meus amigos inventavam para gozar comigo (Borel não, Borel seguia o seu próprio caminho, que entretanto já o levava a Macondo). Vi novamente Sílvia, que acabava de emergir da sombra e se inclinava entre Graziela e Álvaro, para os ajudar a cortar a carne ou talvez apenas para comer um bocado; a sombra de Liliane, que se aproximava para se sentar connosco, interpôs-se, alguém me ofereceu vinho; quando olhei de novo, o perfil de Sílvia estava como que aceso pelas brasas, o cabelo caía-lhe sobre um ombro, deslizava fundindo-se com a sombra da cintura. Era tão bela que a brincadeira me ofendeu, o mau gosto incomodou-me, pelo que me pus a comer de olhos fixos no prato, ouvindo de esguelha Borel, que me convidava para uns colóquios universitários; se lhe disse que não iria, foi por culpa de Sílvia,

pela sua involuntária cumplicidade na diversão sarcástica dos meus amigos. Essa noite não voltei a ver Silvia; quando Nora se aproximou da mesa das crianças com queijo e fruta, ela e Lolita ocuparam-se a dar de comer a Renaud, que ia adormecendo aos poucos. Pusemo-nos a falar de Onetti e Felisberto, bebemos tanto vinho em sua honra que um segundo vento belicoso de sioux e charruas envolveu a tilia; trouxeram as crianças para desejarem uma boa-noite, Renaud nos braços de Liliane.

— Calhou-me uma maçã com bicho — disse-me Graciela com uma imensa satisfação. — Boa noite, Fernando, és muito mau.

— Porquê, meu amor?

— Porque não vieste nem uma única vez à nossa mesa.

— É verdade, desculpa. Mas vocês tinham a Silvia, não tinham?

— Claro, mas mesmo assim...

— Este continua a dar-lhe troco — comentou Raúl, olhando para mim com uma expressão que devia ser de piedade. — Vai sair-te caro, espera até te apanharem bem a jeito com essa famosa Silvia; vais arrepender-te, meu irmão.

Graciela molhou-me o queixo com um beijo que cheirava intensamente a iogurte e maçã. Muito mais tarde, no final de uma conversa em que o sono começava a toldar as opiniões, convidei-os para jantar em minha casa. Vieram no sábado passado por volta das sete, em dois carros; Álvaro e Lolita trouxeram um papagaio de pano e, sob o pretexto de o fazer voar, acabaram imediatamente com os meus crisântemos. Deixei que as mulheres se ocupassem das bebidas, e percebi que ninguém impediria Raúl de tomar as rédeas do churrasco; fui mostrar a casa aos Borel e a Magda, instalei-os na sala, em frente ao meu óleo de Julio Silva, e bebi um pouco com eles, fingindo estar ali e ouvir o que diziam. Pelo janelão via-se o papagaio ao vento, ouviam-se os gritos de Lolita e Álvaro. Quando Graciela apareceu com um ramo de pensamentos, presumivelmente fabricado à custa do meu melhor canteiro, saí para o jardim já escurecido e ajudei a lançar o papagaio ainda mais alto. A sombra banhava as colinas no fundo do vale, avançando por entre as cerejeiras e os choupos, mas nada de Silvia; Álvaro não precisara de Silvia para fazer voar o papagaio.

— Está a planar bem — comentei, testando-o, fazendo-o ir e vir.
— Sim, mas tem cuidado, às vezes mergulha de cabeça e aqueles choupas são muito altos — avisou-me Álvaro.

— O meu nunca cai — afirmou Lolita, talvez ciumenta devido à minha presença. — Tu puxas demasiado o fio; não sabes.

— Ele sabe mais do que tu — respondeu Álvaro, numa rápida aliança masculina. — Porque não vais brincar com a Graciela? Não vês que estás a estorvar?

Ficámos sozinhos, soltando fio ao papagaio. Esperei pelo momento em que Álvaro me aceitasse, percebesse que eu era tão capaz como ele de dirigir o voo verde e vermelho que se desvanecia cada vez mais na penumbra.

— Porque é que não trouxeram a Silvia? — perguntei, puxando um pouco o fio.

Olhou-me de esguelha, entre o surpreendido e o trocista, e tirou-me o fio das mãos, rebaixando-me subtilmente.

— A Silvia vem quando quer — disse, enrolando o fio.

— Bem, então hoje não veio.

— O que é que tu sabes? Ela vem quando quer, já te disse.

— Ah. E porque é que a tua mãe diz que foste tu que inventaste a Silvia?

— Olha como ele plana — comentou Álvaro. — Bolas, este papagaio é fenomenal, o melhor de todos.

— Porque é que não me respondes, Álvaro?

— A minha mãe acha que fui eu que a inventei — afirmou Álvaro.
— E tu, porque é que não acreditas, hein?

De repente, vi Graciela e Lolita ao meu lado. Tinham ouvido as últimas frases, estavam ali, a olhar para mim fixamente; Graciela movia pacientemente um pensamento violeta entre os dedos.

— Porque eu não sou como eles — respondi. — Eu vi-a, sabem.

Lolita e Álvaro trocaram um longo olhar, e Graciela aproximou-se, colocando-me o pensamento na mão. O fio do papagaio esticou-se de repente. Álvaro soltou mais linha, e vimo-lo perder-se na sombra.

— Eles não acreditam porque são tolos — afirmou Graciela. — Mostra-me onde é a casa de banho e acompanha-me, que preciso de fazer chichi.

Levei-a até à escada exterior, indiquei-lhe a casa de banho e perguntei se não se perderia ao descer. À porta, com uma expressão em que havia algo parecido com um reconhecimento, Graciela sorriu-me.

— Não, vai-te embora, a Silvia vai comigo.

— Ah, bom — disse eu, lutando contra não sei bem o quê: o absurdo, o pesadelo ou talvez um atraso mental. — Então, afinal ela veio.

— Pois claro, seu tonto — disse Graciela. — Não a vês ali?

A porta do meu quarto estava aberta, as pernas nuas de Silvia desenhavam-se sobre a colcha vermelha da cama. Graciela entrou na casa de banho e ouvi-a correr o trinco. Aproximei-me do quarto, vi Silvia a dormir na minha cama, o cabelo como uma medusa dourada sobre a almofada. Encostei a porta atrás de mim, aproximei-me sem saber como, aqui há lacunas e relâmpagos, uma água que corre pelo rosto, cegando e mordendo-me, um som como que de profundezas escarpadas, um instante sem tempo, insuportavelmente belo. Não sei se Silvia estava nua; para mim, era como um choupo de bronze e sonho; creio que a vi nua e, no entanto, logo a seguir não me pareceu, devo tê-la imaginado sob o que vestia. A linha da barriga da perna e da coxa desenhava-se de lado contra a colcha vermelha, segui a suave curva da anca abandonada no avanço de uma perna, a sombra da cintura afundada, os pequenos seios imperiosos e dourados. *Silvia*, pensei, incapaz de qualquer palavra, *Silvia, Silvia, mas então...* A voz de Graciela ressoou através de duas portas, como se me gritasse ao ouvido: «Silvia, vem buscar-me!» Silvia abriu os olhos, sentou-se na beira da cama; vestia a mesma minissaia da primeira noite, uma blusa decotada, sandálias pretas. Passou ao meu lado sem me olhar e abriu a porta. Quando saí, Graciela descia as escadas a correr e Liliane, com Renaud nos braços, cruzou-se com ela a caminho da casa de banho e do mercurocromo para o arranhão das sete e meia. Ajudei a consolar e a tratar o ferimento, Borel subiu inquieto pelos gritos do filho, fez-me um sorriso de censura pela minha ausência, descemos até à sala para beber mais um copo; toda a gente estava entretida com a pintura de Graham Sutherland, fantasmas desse género, teorias e entusiasmos que se dissipavam no ar com o fumo do

tabaco. Magda e Nora concentravam as crianças para que jantassem estrategicamente à parte. Borel deu-me a sua morada, insistindo para que lhe enviasse a colaboração prometida para uma revista de Poitiers; disse-me que partiriam na manhã seguinte e que levavam Javier e Magda para lhes mostrar a região. *Silvia irá com eles*, pensei sombriamente, e procurei uma caixa de fruta cristalizada, um pretexto para me aproximar da mesa das crianças e ficar ali um momento. Não era fácil perguntar-lhes nada, comiam como lobos e arrebataram-me os doces na melhor tradição dos sioux e dos guerreiros indígenas. Não sei por que razão fiz a pergunta a Lolita, limpando-lhe a boca com o guardanapo.

— Eu sei lá! — exclamou Lolita. — Pergunta ao Álvaro.

— E achas que eu sei? — retorquiu Álvaro, enquanto hesitava entre uma pêra e um figo. — Ela faz o que quer, pode ter ido por ali.

— Mas com qual de vocês é que ela veio?

— Com nenhum — respondeu Graciela, dando-me um dos seus melhores pontapés por debaixo da mesa. — Ela esteve aqui, e agora, quem sabe. O Álvaro e a Lolita voltam para a Argentina e ela, com o Renaud, como imaginas não vai ficar, porque ele é muito pequeno. Esta tarde engoliu uma vespa morta, que nojo.

— Ela faz o que quer, tal como nós — afirmou Lolita.

Voltei para a minha mesa, vi a noite dissolver-se numa névoa de conhaque e fumo. Javier e Magda voltavam para Buenos Aires (Álvaro e Lolita voltavam para Buenos Aires) e os Borel iriam no próximo ano para Itália (Renaud iria no ano seguinte para Itália).

— Aqui ficamos nós, os mais velhos — disse Raúl. (Então Graciela ficava, mas Silvia era os quatro, Silvia era quando estavam os quatro, e eu sabia que eles jamais voltariam a encontrar-se.)

Raúl e Nora ainda estão aqui, no nosso vale do Luberon; ontem à noite fui visitá-los e conversámos de novo sob a tilia; Graciela ofereceu-me um pequeno pano de mesa que acabara de bordar em ponto de cruz, soube, por ela, dos cumprimentos que me tinham deixado Javier, Magda e os Borel. Jantámos no jardim, Graciela recusou-se a ir cedo para a cama e jogou comigo às adivinhas. Houve um momento em que

ficámos sozinhos, Graciela tentava encontrar a resposta para a adivinha sobre a Lua, mas não acertava, e o orgulho fazia-a sofrer.

— E a Silvia? — perguntei, acariciando-lhe o cabelo.

— És mesmo tolo — comentou Graciela. — Achavas que esta noite ela viria só por minha causa?

— Ainda bem — comentou Nora, saindo da sombra. — Ainda bem que não vem só por tua causa, porque já estávamos fartos dessa história.

— É a Lua! — exclamou Graciela. — Que adivinha tão parva, pá.

A VIAGEM

Pode acontecer em La Rioja, numa qualquer província que se chame La Rioja, mas seja como for acontece ao entardecer, quase no início da noite, embora tenha começado antes, no pátio de uma herdade, quando o homem disse que a viagem era complicada, mas que pelo menos acabaria por descansar, que afinal era para isso que ia, porque assim lhe tinham aconselhado, que ia para passar quinze dias tranquilos em Mercedes. A sua mulher acompanha-o até à vila, onde ele tem de comprar os bilhetes; também lhe explicaram que convinha comprá-los na estação da vila e, já agora, certificar-se de que os horários não tinham mudado.

Na herdade, com aquela vida que levam, fica-se com a impressão de que os horários e tantas outras coisas mudam frequentemente na vila, e muitas vezes é verdade. Mais vale pegar no carro e ir até à vila, ainda que o tempo já esteja um pouco apertado para apanhar o primeiro comboio em Chávez.

Já passa das cinco quando chegam à estação e deixam o carro na praça poeirenta, entre charretes e carroças carregadas de fardos de palha e bidões; não tinham falado muito no carro, embora o homem tenha perguntado por umas camisas e a mulher lhe tenha dito que a mala já estava pronta e que só faltava meter os documentos e um ou outro livro na pasta.

— O Juárez sabia os horários — disse o homem. — Explicou-me como devo viajar para Mercedes, disse que era melhor comprar os bilhetes na vila e confirmar a correspondência entre os comboios.

— Sim, já me disseste — respondeu a mulher.

— Da herdade até Chaves devem ser pelo menos sessenta quilómetros de carro. Parece que o comboio para Peúlco passa por Chaves às nove e poucos minutos.

— E deixas o carro com o chefe da estação — prossegue a mulher, num tom entre o interrogativo e o assertivo.

— Sim. O comboio de Chaves chega a Peúlco depois da meia-noite, mas parece que no hotel há sempre quartos com casa de banho. O problema é que não sobra muito tempo para descansar, porque o outro comboio sai por volta das cinco da manhã; convém confirmar agora. Depois é ainda um longo percurso até Mercedes.

— Fica longe, sim.

Não está muita gente na estação, apenas alguns camponeses que compram cigarros no quiosque ou esperam na plataforma. A bilheteira fica no final da plataforma, quase ao pé das linhas de desvios. É uma sala com um balcão sujo, paredes cobertas de cartazes e mapas e, ao fundo, dois escritórios e o cofre de ferro. Um homem de mangas arregaçadas atende ao balcão, uma rapariga manipula um aparelho telegráfico num dos escritórios. Já é quase de noite, mas ainda não acenderam a luz, aproveitam até ao último instante a claridade acastanhada que entra lentamente pela janela do fundo.

— Temos de voltar já para a herdade — diz o homem. — Ainda temos de despachar a bagagem e não sei se tenho gasolina suficiente.

— Compra os bilhetes e vamo-nos embora — responde a mulher, que ficou um pouco atrás.

— Sim. Espera, deixa-me pensar. Então, vou eu primeiro até Peúlco. Não, acho que os bilhetes têm de ser comprados no sítio que o Juárez referiu, mas já não me lembro bem.

— Já não te lembras — repete a mulher, com aquela maneira de fazer uma pergunta que nunca é completamente uma pergunta.

— É sempre a mesma coisa com os nomes — diz ele, sorrindo com um certo enfado. — Esquecemo-nos deles precisamente quando temos de os pronunciar. E depois, outro bilhete de Peúlco até Mercedes.

— Mas porquê dois bilhetes distintos? — pergunta a mulher.

— O Juárez explicou-me que são duas companhias e que, como tal, precisamos de dois bilhetes, mas que, por outro lado, em qualquer

estação nos vendem os dois, o que vai dar ao mesmo. É uma daquelas complicações dos ingleses.

— Já não são ingleses — comenta a mulher.

Um rapaz moreno entrou na bilheteira e está a perguntar qualquer coisa. A mulher aproxima-se e apoia um cotovelo no balcão. É loura e tem um rosto cansado e belo, como que perdido num estojo de cabelo dourado que ilumina vagamente o seu contorno. O homem da bilheteira olha-a por um momento, mas ela não diz nada, como que à espera que o marido se aproxime para comprar os bilhetes. Ninguém se cumprimenta na bilheteira, está tão escuro que nem parece necessário.

— Aqui neste mapa deve-se perceber — diz o homem, dirigindo-se para a parede à esquerda. — Olha, tem de ser assim. Nós estamos...

A mulher aproxima-se e observa o dedo que vacila sobre o mapa vertical, à procura de onde pousar.

— Esta é a província — continua o homem —, e nós estamos por aqui. Espera, é aqui. Não, deve ser mais a sul. Eu tenho de ir para ali, naquela direcção, vês? E agora estamos aqui, parece-me.

Dá um passo atrás e olha para o mapa todo, observa-o demoradamente.

— É a província, não é?

— Parece que sim — responde a mulher. — E tu dizes que estamos aqui.

— Aqui, claro. Tem de ser este o caminho. Sessenta quilómetros até àquela estação, como disse o Juárez. O comboio tem de partir dali. Não vejo outra opção.

— Bom, então compra os bilhetes — responde a mulher.

O homem olha mais um momento para o mapa e aproxima-se do homem da bilheteira. A mulher segue-o, volta a apoiar o cotovelo no balcão, como se se preparasse para esperar muito tempo. O rapaz acaba de falar com o homem da bilheteira e vai consultar os horários afixados na parede. Acende-se uma luz azul no escritório da telegrafista. O homem tira a carteira e procura o dinheiro, escolhe algumas notas.

— Tenho de ir para...

Volta-se para a mulher, que está a olhar para um desenho no balcão, uma espécie de antebraco mal desenhado a tinta vermelha.

— Como se chama a cidade para onde tenho de ir? Está a escapar-me o nome. Não aquela outra; estou a falar da primeira. Vou de carro até à primeira.

A mulher levanta os olhos e volta-se para o mapa. O homem faz um gesto de impaciência, porque o mapa está demasiado longe para servir de alguma coisa. O homem da bilheteira encosta-se ao balcão e espera em silêncio. Usa uns óculos verdes e pelo colarinho aberto da camisa brota-lhe um tufo de pêlos acobreados.

— Tinhas dito Allende, acho eu — responde a mulher.

— Não, porque haveria de ser Allende?

— Eu não estava lá quando o Juárez te explicou a viagem.

— O Juárez explicou-me os horários e as ligações, mas eu repeti-te os nomes no carro.

— Não há nenhuma estação chamada Allende — afirma o homem da bilheteira.

— Claro que não há — diz o homem. — Eu vou é para...

A mulher olha novamente para o desenho do antebraco vermelho, que afinal não é um antebraco, agora tem a certeza.

— Olhe, quero um bilhete em primeira classe para... Eu sei que tenho de ir de carro, que fica a norte da herdade. Então, tu não te lembras?

— Têm tempo — diz o homem da bilheteira. — Pensem com calma.

— Não tenho assim tanto tempo — replica o homem. — Já preciso de ir de carro até... Preciso de um bilhete justamente daí até à outra estação, onde existe uma ligação para Allende. Agora você diz que não é Allende. Como é que tu não te lembras?

Aproxima-se da mulher, faz-lhe a pergunta olhando-a com uma surpresa quase escandalizada. Prepara-se para voltar ao mapa e procurar, mas desiste e espera, inclinando-se ligeiramente sobre a mulher, que passa e volta a passar um dedo pelo balcão.

— Têm tempo — repete o homem da bilheteira.

— Então... — diz o homem. — Então, tu...

— Era qualquer coisa parecida com Moragua — diz a mulher, como se perguntasse.

O homem olha para o mapa, mas percebe que o homem da bilheteira abana a cabeça negativamente.

— Não é isso — diz o homem. — Não pode ser que não nos lembremos, se ainda há pouco, enquanto vínhamos...

— Isso está sempre a acontecer — comenta o homem da bilheteira. — O melhor é distrair-se a falar de qualquer coisa, e de repente o nome aparece como um passarinho; ainda hoje disse precisamente isso a um senhor que viajava para Ramallo.

— Para Ramallo — repete o homem. — Não, não é Ramallo. Talvez consultando a lista das estações...

— Está ali — diz o homem da bilheteira, apontando para o horário colado na parede. — Agora veja lá, são umas trezentas. Há muitos apeadeiros e estações de mercadorias, e todas têm o seu nome, como deve calcular.

O homem aproxima-se do horário e pousa o dedo no início da primeira coluna. O homem da bilheteira espera, tira um cigarro de trás da orelha e lambe a ponta antes de o acender, olhando para a mulher, que continua apoiada no balcão. Na penumbra, tem a impressão de que a mulher sorri, mas vê-se mal.

— Dá-nos um pouco de luz, Juana — pede o homem da bilheteira, e a telegrafista estica o braço até ao interruptor na parede, acendendo uma lâmpada no tecto amarelado. O homem chega a meio da segunda coluna, o dedo detém-se, volta para cima, desce outra vez, afasta-se. Agora, sim, a mulher sorri abertamente; o homem da bilheteira viu-a à luz da lâmpada e tem a certeza, também ele sorri, sem saber porquê, até que o homem se vira de repente e regressa ao balcão. O rapaz moreno senta-se num banco junto à porta, e é mais uma pessoa ali, um outro par de olhos passeando de um rosto para outro.

— Está a fazer-se tarde para mim — diz o homem. — Se ao menos te lembrasses... Eu esqueço-me sempre dos nomes, já sabes como sou.

— O Juárez tinha-te explicado tudo — diz a mulher.

— Deixa lá o Juárez em paz, estou a perguntar-te a ti.

— Era preciso apanhar dois comboios — diz a mulher. — Primeiro tinhas de ir de carro até uma estação qualquer, e lembro-me de teres dito que deixarias o carro ao chefe.

— Isso não tem nada a ver.

— Todas as estações têm chefe — comenta o homem da bilheteira.

O homem olha para ele, mas talvez nem o tenha ouvido. Espera que a mulher se lembre. De repente, parece que tudo depende dela, da sua memória. Já não resta muito tempo; é preciso voltar à herdade, carregar a bagagem e partir para o norte. Subitamente, o cansaço assemelha-se a esse nome esquecido, torna-se um vazio que pesa cada vez mais. Não viu a mulher sorrir, apenas o homem da bilheteira a viu. Ainda espera que ela se recorde, ajuda-a com a sua própria imobilidade, apoia as mãos no balcão, muito perto do dedo da mulher, que continua a brincar com o desenho do antebraço avermelhado, percorrendo-o suavemente agora que sabe que não é um antebraço.

— Tem razão — diz, olhando para o homem da bilheteira. — Quando se pensa demasiado, as coisas escapam-se. Mas tu, talvez...

A mulher arredonda os lábios como se se preparasse para sorver algo.

— Talvez me lembre — diz ela. — No carro, comentámos que primeiro terias de ir para... Não era para Allende, pois não? Então era um nome parecido com Allende. Procura de novo no «a» ou no «h». Se quiseres, verifico eu.

— Não, não era isso. O Juárez explicou-me a melhor combinação... Porque há outra maneira de ir, mas nesse caso seria preciso trocar três vezes de comboio.

— É demasiado — comenta o homem da bilheteira. — Com duas correspondências já é muito, e não imagina a quantidade de terra que se acumula no vagão, já para não falar do calor.

O homem faz um gesto de impaciência e vira as costas ao homem da bilheteira, interpondo-se entre ele e a mulher. Consegue ver de lado o rapaz que os observa do banco e gira um pouco mais para não olhar nem para o homem da bilheteira nem para o rapaz, para ficar completamente sozinho diante da mulher, que ergue o dedo do desenho e observa a unha envernizada.

— Eu não me lembro — diz o homem, muito baixinho. — Não me lembro de nada, sabes disso. Mas tu sim, pensa um pouco. Vais ver que te lembras, tenho a certeza.

A mulher volta a arredondar os lábios. Pisca os olhos duas, três vezes. A mão do homem aperta-lhe o pulso. Ela olha para ele, agora sem pestanejar.

— Las Lomas — responde. — Talvez fosse Las Lomas.

— Não — diz o homem. — Não é possível que não te lembres.

— Ramallo, então. Não, já o disse antes. Se não é Allende, tem de ser Las Lomas. Se quiseses, verifico no mapa.

A mão solta-lhe o pulso, e a mulher esfrega a marca na pele e sopra levemente sobre ela. O homem baixa a cabeça e respira com dificuldade.

— Também não há nenhuma estação chamada Las Lomas — diz o homem da bilheteira.

A mulher olha para ele por cima da cabeça do homem, que se inclina ainda mais sobre o balcão. Sem pressa, como que testando algo, o homem da bilheteira esboça um sorriso discreto.

— Peúlco — afirma abruptamente o homem. — Agora lembro-me. Era Peúlco, não era?

— Talvez — responde a mulher. — Se calhar era Peúlco, mas não me parece.

— Se vai de carro até Peúlco, tem um bom caminho pela frente — acrescenta o homem da bilheteira.

— Achas que não era Peúlco? — insiste o homem.

— Não sei — responde a mulher. — Há pouco eras tu que te lembravas; eu é que não prestei muita atenção. Talvez fosse Peúlco.

— O Juárez disse Peúlco, tenho a certeza. Da herdade até à estação são uns sessenta quilómetros.

— É bem mais do que isso — diz o homem da bilheteira. — Não lhe convém ir de carro até Peúlco. E, quando chegar lá, para onde segue?

— Como assim, para onde sigo?

— Digo-lhe isto porque Peúlco não passa de um entroncamento. São três casas dispersas e o hotel da estação. As pessoas vão a Peúlco apenas para mudar de comboio. Agora, se tem algum negócio a tratar lá, isso já é outra coisa.

— Não pode ser assim tão longe — diz a mulher. — O Juárez falou-te em sessenta quilómetros, por isso não pode ser Peúlco.

O homem demora a responder, com uma mão encostada ao ouvido, como se estivesse a escutar-se por dentro. O homem da bilheteira não desvia os olhos da mulher e espera. Não tem a certeza se ela lhe sorriu ao falar.

— Sim, tem de ser Peúlco — diz o homem. — Se fica tão longe, então é a segunda estação. Tenho de comprar bilhete para Peúlco e esperar pelo outro comboio. Você disse que era um entroncamento e que havia um hotel. Por isso é Peúlco.

— Mas não fica a sessenta quilómetros — diz o homem da bilheteira.

— Claro que não — responde a mulher, endireitando-se e elevando um pouco a voz. — Peúlco será a segunda estação, mas o que o meu marido não se lembra é da primeira, e essa, sim, fica a sessenta quilómetros. Creio que foi isso que o Juárez te disse.

— Ah — diz o homem da bilheteira. — Bem, nesse caso teria de ir primeiro a Chávez e apanhar o comboio para Peúlco.

— Chávez — repete o homem. — Podia ser Chávez, claro.

— Então, de Chávez vai-se para Peúlco — prossegue a mulher, quase como quem pergunta.

— É a única maneira de ir a partir desta zona — afirma o homem da bilheteira.

— Estás a ver? — diz a mulher. — Se tens a certeza de que a segunda estação é Peúlco...

— Tu não te lembras? — pergunta o homem. — Agora tenho quase a certeza, mas quando disseste Las Lomas também pensei que podia ser essa.

— Eu não disse Las Lomas, disse Allende.

— Allende não é — diz o homem. — Não disseste Las Lomas?

— Pode ser, parecia-me que no carro tinhas falado em Las Lomas.

— Não há nenhuma estação chamada Las Lomas — afirma o homem da bilheteira.

— Então devo ter dito Allende, mas não tenho a certeza. Talvez seja Chávez e Peúlco, como lhe parece a si. Nesse caso, tire-me um bilhete de Chávez para Peúlco.

— Claro — replica o homem da bilheteira, abrindo uma gaveta.
— Mas de Peúlco... É que já lhe disse que não passa de um entroncamento.

O homem mexe rapidamente na carteira, mas as últimas palavras detêm-lhe a mão no ar. O homem da bilheteira apoia-se na borda da gaveta aberta e volta a esperar.

— De Peúlco, quero um bilhete para Moragua — afirma o homem, com uma voz que vai ficando para trás, parecendo-se com a sua mão, suspensão no ar com o dinheiro.

— Não há nenhuma estação chamada Moragua — responde o homem da bilheteira.

— Era algo assim — replica o homem. — Tu não te lembras mesmo?

— Sim, era um nome assim, parecido com Moragua — responde a mulher.

— Com «m» há algumas estações — diz o homem da bilheteira.
— Quero dizer, a partir de Peúlco. Lembra-se de quanto tempo durava a viagem, mais ou menos?

— A manhã inteira — responde o homem. — Umas seis horas, talvez menos.

O homem da bilheteira olha para um mapa preso sob um vidro na extremidade do balcão.

— Poderia ser Malumbá, ou talvez Mercedes — diz. — A essa distância, só vejo essas duas... Talvez Amorimba. Amorimba tem dois «m», pode ser essa.

— Não — responde o homem. — Não é nenhuma dessas.

— Amorimba é uma vila pequena, mas Mercedes e Malumbá são cidades. Com «m», não vejo mais nenhuma outra na zona. Tem de ser uma dessas, se apanhar o comboio em Peúlco.

O homem olha para a mulher, apertando lentamente as notas na mão ainda estendida. A mulher arredonda os lábios e encolhe os ombros.

— Eu não sei, querido — diz. — Talvez fosse Malumbá, não te parece?

— Malumbá — repete o homem. — Então achas que é Malumbá?

— Não é que eu ache. O senhor diz-te que, a partir de Peúlco, só há essa e Mercedes. Talvez seja Mercedes, mas...

— Se for de Peúlco, tem de ser Mercedes ou Malumbá — insiste o homem da bilheteira.

— Estás a ver? — diz a mulher.

— É Mercedes — afirma o homem. — Malumbá não me soa familiar, mas Mercedes... Eu vou para o Hotel Mundial, talvez me possa dizer se fica em Mercedes.

— Sim, fica — responde o rapaz sentado no banco. — O Mundial fica a dois quarteirões da estação.

A mulher olha para ele, e o homem da bilheteira espera um instante antes de aproximar os dedos da gaveta, onde os bilhetes estão alinhados.

O homem inclina-se sobre o balcão, como se quisesse alcançar melhor o dinheiro, e ao mesmo tempo vira a cabeça para olhar para o rapaz.

— Obrigado — diz. — Muito obrigado, meu senhor.

— É uma cadeia de hotéis — explica o homem da bilheteira. — Desculpe, mas em Malumbá também há um Mundial, se vamos por aí, e provavelmente em Amorimba também, embora disso já não tenha certeza.

— Então... — diz o homem.

— Experimente. No fim de contas, se não for Mercedes, pode sempre apanhar outro comboio até Malumbá.

— Mercedes soa-me melhor — replica o homem. — Não sei porquê, mas é-me mais familiar. E a ti?

— A mim também, sobretudo no início.

— Como assim, no início?

— Quando o jovem mencionou o hotel. Mas se em Malumbá também há um Hotel Mundial...

— É Mercedes — afirma o homem. — Tenho a certeza de que é Mercedes.

— Compra os bilhetes, então — diz a mulher, como se se quisesse desvincular do assunto.

— De Chávez para Peúlco, e de Peúlco para Mercedes — diz o homem da bilheteira.

O cabelo oculta o perfil da mulher, que volta a olhar para o desenho avermelhado no balcão, e o homem da bilheteira não consegue ver-lhe a boca. Com a mão de unhas pintadas, esfrega lentamente o pulso.

— Sim — diz o homem, depois de uma breve hesitação. — De Chávez para Peúlco, e daí para Mercedes.

— Vai ter de se apressar — diz o homem da bilheteira, escolhendo um cartão azul e outro verde. — São mais de sessenta quilómetros até Chávez, e o comboio passa às nove e cinco.

O homem coloca o dinheiro sobre o balcão, e o homem da bilheteira começa a dar o troco, observando a forma como a mulher continua a esfregar lentamente o pulso. Não consegue perceber se ela sorri, e isso pouco lhe importa, mas de qualquer forma teria gostado de saber se ela sorri por detrás de todo aquele cabelo dourado que lhe cai sobre a boca.

— Esta noite choveu bastante para os lados de Chávez — comenta o rapaz. — É melhor apressar-se, senhor, os caminhos vão estar lamacentos.

O homem guarda o troco e enfia os bilhetes no bolso do casaco. A mulher afasta o cabelo para trás com dois dedos e olha para o homem da bilheteira. Junta os lábios, como que para sorver alguma coisa. O homem da bilheteira sorri-lhe.

— Vamos — diz o homem. — Tenho o tempo contado.

— Se sair já, chegará sem problemas — assegura o rapaz. — Mas por via das dúvidas leve as correntes para as rodas, pois os caminhos antes de chegar a Chávez devem estar difíceis.

O homem acena com a cabeça e despede-se vagamente com a mão na direcção do homem da bilheteira. Quando já saiu, a mulher começa a caminhar para a porta, que se fecha sozinha.

— Seria uma pena que, no fim, se tivesse enganado, não acha? — diz o homem da bilheteira, como que falando para o rapaz.

Já quase na porta, a mulher vira a cabeça e olha para ele, mas a luz mal a alcança, e já é difícil perceber se ainda sorri, se o embate da porta ao fechar-se foi obra dela ou do vento, que quase sempre se levanta com o cair da noite.

SESTAS

Uma vez qualquer, num tempo sem horizonte, lembrar-se-ia de que quase todas as tardes a tia Adela ouvia aquele disco com as vozes e os coros, da tristeza que sentia quando as vozes começavam a soar, uma mulher, um homem e depois muitos a cantar em conjunto algo que não se entendia, a etiqueta verde com explicações para os adultos, *Te lucis ante terminum*, *Nunc dimittis*, a tia Lorenza dizia que era latim e que falava de Deus e dessas coisas, e então Wanda cansava-se de não compreender, de ficar triste como quando, em casa de Teresita, punham o disco de Billie Holiday e ficavam a ouvi-lo enquanto fumavam, porque a mãe de Teresita estava no trabalho e o pai andava atarefado com o trabalho ou dormia a sesta e, então, podiam fumar tranquilamente, mas ouvir Billie Holiday era uma tristeza bela que dava vontade de nos deitarmos e de chorarmos de felicidade; estava-se tão bem no quarto de Teresita, com a janela fechada, com o fumo, ouvindo Billie Holiday. Em sua casa, tinha-lhe sido proibido cantar essas músicas porque Billie Holiday era negra e tinha morrido por ter consumido tantas drogas, a tia María obrigava-a a passar mais uma hora ao piano a estudar arpejos, a tia Ernestina começava com o discurso sobre a juventude de agora, *Te lucis ante terminum* ressoava na sala onde a tia Adela costurava, iluminada por uma esfera de cristal cheia de água que recolhia (era tão bonito) toda a luz da lâmpada para a costura. Ainda bem que, à noite, Wanda dormia na mesma cama que a tia Lorenza e ali não havia latim nem conferências sobre o tabaco e os degenerados da rua, a tia Lorenza apagava a luz depois

de rezar e, por um momento, falavam de qualquer coisa, quase sempre do cão *Grock*, e, quando Wanda ia dormir, era invadida por um sentimento de reconciliação, de ficar um pouco mais protegida da tristeza da casa devido ao calor da tia Lorenza, que ressonava suavemente, quase como *Grock*, quente e ligeiramente enroscada, ressonando satisfeita como *Grock* no tapete da sala de jantar.

— Tia Lorenza, não me deixes sonhar mais com o homem da mão postiça — suplicara Wanda na noite do pesadelo. — Por favor, tia Lorenza, por favor.

Depois contara isso a Teresita, e Teresita rira-se, mas não era coisa para rir, e a tia Lorenza também não se rira enquanto lhe secava as lágrimas, lhe dava um copo de água e a acalmava pouco a pouco, ajudando-a a afastar as imagens, a mistura de memórias do outro Verão e o pesadelo, o homem que se parecia tanto com o das fotografias do álbum do pai de Teresita, ou o beco sem saída onde, ao anoitecer, o homem de negro a encurralara, aproximando-se lentamente até parar para a fitar com a lua cheia a iluminar-lhe o rosto, os óculos de aro metálico, a sombra do chapéu de coco ocultando-lhe a testa, e então o movimento do braço direito a erguer-se na sua direcção, a boca de lábios finos, o grito ou a corrida que a salvara do desfecho, o copo de água e as carícias da tia Lorenza antes de um regresso lento e assustado a um sono que duraria até tarde, o purgante da tia Ernestina, a sopa leve e os conselhos, outra vez a casa e *Nunc dimittis*, mas, no fim, permissão para ir brincar com Teresita, ainda que essa rapariga não fosse de confiança, com a educação que a mãe lhe dava, capaz até de lhe ensinar certas coisas, mas enfim, pior era vê-la com aquela cara macilenta, e um pouco de diversão não lhe faria mal, antigamente as meninas bordavam à hora da sesta ou estudavam solfejo, mas a juventude de agora...

— Não são apenas loucas, são também idiotas — afirmara Teresita, passando-lhe um cigarro dos que roubava ao pai. — Que raio de tias te haviam de calhar, miúda. Então deram-te um purgante? Já foste à casa de banho ou quê? Toma, olha o que a Chola me emprestou, estão aqui todas as modas de Outono, mas primeiro repara nas fotografias

do Ringo, diz lá se não é um amor, olha para ele ali com a camisa aberta. Tem pelinhos, repara.

Depois quisera saber mais, mas a Wanda custava-lhe continuar a falar daquilo agora que, de repente, lhe voltava numa visão fugaz, daquela corrida desenfreada pelo beco, e isso não era o pesadelo, embora quase pudesse ser o fim do pesadelo que esquecera ao acordar aos gritos. Talvez antes, no fim do outro Verão, tivesse conseguido falar disso com Teresita, mas calara-se com medo de que ela fosse com mexericos para a tia Ernestina; nessa altura, Teresita ainda ia a sua casa e as tias arrancavam-lhe informações com torradas e doce de leite, até que se zangaram com a mãe dela e já não quiseram mais receber Teresita, embora deixassem Wanda ir a casa dela algumas tardes quando tinham visitas e queriam estar tranquilas. Agora poderia ter contado tudo a Teresita, mas já não valia a pena, porque o pesadelo era também como a outra história, ou talvez a outra história tivesse sido parte do pesadelo, tudo se parecia tanto com o álbum do pai de Teresita e nada terminava realmente, era como aquelas ruas no álbum que se perdiam na distância, como nos pesadelos.

— Teresita, abre um pouco a janela, faz tanto calor aqui com tudo fechado.

— Não sejas parva, depois a minha velha nota que estivemos a fumar. Tem um faro de tigre, a Peçonhenta, nesta casa é preciso ter cuidado.

— Como se te fossem matar à paulada.

— Claro, tu voltas para a tua casa e que te importa isso. És sempre a mesma coisa, miúda.

Mas Wanda já não era uma miúda, embora Teresita ainda lhe esfregasse isso na cara, cada vez menos desde aquela tarde em que também fazia calor e tinham falado de coisas, e depois Teresita mostrara-lhe aquilo, e tudo se tornara diferente, embora Teresita ainda a tratasse como uma miúda quando se zangava.

— Não sou nenhuma miudinha — disse Wanda, expelindo o fumo pelo nariz.

— Pronto, pronto, não fiques assim. Tens razão, está um calor horrível. É melhor tirarmos a roupa e prepararmos um vinho com gelo.

Vou dizer-te uma coisa, tiveste esse sonho por causa do álbum do meu pai, e olha que lá não há nenhuma mão postiça, mas os sonhos são assim. Olha como elas me estão a crescer.

Por baixo da blusa não se notava grande coisa, mas nuas ganhavam importância, tornavam-na mulher, alteravam-lhe a expressão. Wanda teve vergonha de tirar o vestido e mostrar o peito, onde mal se notava alguma coisa. Um dos sapatos de Teresita voou até à cama, o outro perdeu-se debaixo do sofá. Mas claro que era como os homens do álbum do pai de Teresita, os homens de negro que se repetiam em quase todas as imagens; Teresita mostrara-lhe o álbum numa tarde de sesta, quando o pai acabara de sair e a casa estava tão vazia e silenciosa como as salas e casas do álbum. Rindo e empurrando-se nervosamente, tinham subido ao andar de cima, onde às vezes os pais de Teresita as chamavam para tomar chá na biblioteca, como se fossem umas senhorinhas; mas nesses dias não se podia fumar nem beber vinho no quarto de Teresita, porque a Peçonhenta dava por tudo num instante, por isso aproveitavam quando tinham a casa só para elas e subiam aos gritos e empurrões, como agora, em que Teresita empurrou Wanda até a fazer cair sentada no sofá azul e, quase com o mesmo gesto, agachou-se para baixar as cuecas e pôr-se nua diante de Wanda, as duas a olharem-se com umas risadas meio envergonhadas e estranhas, até que Teresita soltou uma gargalhada e perguntou se ela era tola ou não sabia que ali cresciam pelinhos como no peito do Ringo. «Mas eu também tenho», dissera Wanda, «começaram a crescer no Verão passado.» Como no álbum, onde todas as mulheres tinham, e muitos, em quase todas as imagens iam e vinham, ou estavam sentadas ou deitadas na relva e nas salas de espera das estações («são loucas», opinava Teresita), e também como agora, a olharem umas para as outras com uns olhos muito grandes e sempre a lua cheia, ainda que não se visse na imagem, tudo acontecia em lugares onde havia lua cheia e as mulheres andavam nuas pelas ruas e pelas estações, cruzando-se como se não se vissem e estivessem terrivelmente sós, e às vezes os senhores de fato preto ou bata cinzenta observavam-nas a ir e vir ou estudavam pedras raras ao microscópio, sem tirar o chapéu.

— Tens razão — disse Wanda —, era muito parecido com os homens do álbum, e também tinha um chapéu de coco e óculos, era como eles, mas tinha uma mão postiça, e isso foi da outra vez, quando...

— Acaba com essa história da mão postiça — interrompeu-a Teresita. — Vais ficar assim a tarde toda? Primeiro queixas-te do calor e depois a única que se despe sou eu.

— Precisava de ir à casa de banho.

— É do purgante! Realmente as tuas tias são mesmo qualquer coisa. Vai rápido e, quando voltares, traz mais gelo. Olha o Ringo a espiar-me, aquele anjinho querido. E então, gosta desta barriguinha, meu amor? Veja bem, esfregue-se assim e assim, a Chola mata-me quando lhe devolver a fotografia toda amarrotada.

Na casa de banho, Wanda esperou o máximo possível para não ter de voltar lá tão cedo; estava dorida e a história do purgante irritava-a profundamente, e Teresita também, ali naquele sofá azul, a olhá-la como se ela fosse uma miúda, a gozar com ela como da outra vez, quando lhe mostrara aquilo e Wanda não conseguira evitar que a cara lhe ficasse em brasa, aquelas tardes em que tudo era diferente, primeiro a tia Adela a dar-lhe permissão para ficar até mais tarde em casa de Teresita, afinal, está aqui ao lado e eu tenho de receber a directora e a secretária da escola de Maria, esta casa é tão pequena que o melhor é ires brincar com a tua amiga, mas tem cuidado quando regressares, vens directamente para casa e nada de andares por aí armada em esper-ta com a Teresita, que essa gosta de andar por aí solta, eu bem sei o que a casa gasta; depois fumavam uns cigarros novos que o pai de Teresita deixara esquecidos numa gaveta da secretária, com filtro dourado e um cheiro estranho e, por fim, Teresita ensinara-lhe aquilo, era difícil lembrar-se como tinha acontecido, estavam a falar do álbum, ou talvez a conversa sobre o álbum tivesse sido no início do Verão, naquela tarde estavam mais agasalhadas e Wanda trazia o pulôver amarelo, ainda não era Verão, afinal de contas não sabiam o que dizer, olhavam uma para a outra e riam-se, quase sem falar tinham saído de casa para dar uma volta pelo lado da estação, evitando a esquina da casa de Wanda porque a tia Ernestina nunca as perdia de vista, mesmo estando com a directora e a secretária. Na estação tinham estado

algum tempo a passear, como se estivessem à espera do comboio, a ver passar as locomotivas que faziam tremer as plataformas e enchiam o céu de fumo negro. E fora então, ou talvez quando já estavam a regressar e chegara a hora de se separarem, que Teresita lhe dissera, como quem não quer a coisa, que tivesse cuidado com aquilo, não fosse o diabo tecê-las, e Wanda, que tinha estado a tentar esquecer-se, ficou toda corada, e Teresita riu-se e disse-lhe que ninguém podia saber o que tinha acontecido naquela tarde, mas que as suas tias eram como a Peçanhenta e que, se ela alguma vez se descaísse, elas apanhá-la-iam, e então é que havia de ser bonito. Tinham-se rido de novo, mas era verdade, tinha de ser a tia Ernestina a surpreendê-la ao final da sesta, ainda que Wanda estivesse segura de que ninguém entraria no seu quarto àquela hora, toda a gente tinha ido dormir e no pátio ouvia-se a corrente do *Grock* e o zumbido das vespas furiosas com o sol e o calor, mal tivera tempo de puxar o lençol até ao pescoço e fingir que dormia, mas era tarde demais, porque a tia Ernestina já estava aos pés da cama, arrancando-lhe o lençol com um puxão sem pronunciar uma única palavra, olhando apenas para o fundo das calças do pijama, enroladas nos tornozelos. Em casa de Teresita trancavam a porta à chave, apesar de a Peçanhenta ter proibido expressamente que o fizessem, mas a tia María e a tia Ernestina falavam dos incêndios e de que as crianças fechadas à chave morriam nas chamas, embora agora não fosse disso que falavam a tia Ernestina e a tia Adela, primeiro tinham-se aproximado sem dizer nada, e Wanda tentara fingir que não compreendia, até que a tia Adela lhe agarrou na mão e a torceu, e a tia Ernestina lhe deu a primeira bofetada, depois outra e mais outra, Wanda defendia-se a chorar, com a cara mergulhada na almofada, gritando que não tinha feito nada de mal, que só lhe dava comichão e que era por causa disso, mas a tia Adela tirou o chinelo e começou a bater-lhe nas nádegas enquanto lhe segurava as pernas, e chamou-lhe depravada e começou, claro, a falar de Teresita e da juventude e da ingratidão e das doenças e do piano e do castigo, mas sobretudo da degeneração e das doenças, até que a tia Lorenza se levantou, assustada com os gritos e o pranto e, de repente, fez-se silêncio, ficou apenas a tia Lorenza a olhá-la, aflita, sem a acalmar nem lhe

fazer festas, sendo apenas a tia Lorenza, como sempre, como agora que lhe dava um copo de água e a protegia do homem de negro, repetindo-lhe ao ouvido que ia dormir bem, que não voltaria a ter o pesadelo.

— Comeste demasiado guisado; reparei nisso. O guisado é pesado à noite, como as laranjas. Vá, já passou, dorme, estou aqui, não vais sonhar mais.

— De que é que estás à espera para tirares a roupa? Tens de ir à casa de banho outra vez? Vais ficar virada do avesso como uma luva, as tuas tias são doidas.

— Não está calor suficiente para nos pormos nuas — dissera Wanda naquela tarde, enquanto despia o vestido.

— Foste tu que começaste com essa história do calor. Dá-me o gelo e traz os copos; ainda há vinho doce, mas ontem a Peçonhenta esteve a olhar para a garrafa e fez aquela cara. E se eu a conheço, aquela cara. Não diz nada, mas faz aquela cara e sabe que eu sei. Ainda bem que o velho só pensa em negócios e desaparece o tempo todo. É verdade, já tens pêlos, mas poucos, ainda pareces uma menina. Vou mostrar-te uma coisa na biblioteca, mas tens de me jurar que não contas nada.

Teresita tinha descoberto o álbum por acaso, a estante estava fechada à chave, o teu pai guarda bem guardados os livros científicos, que não são coisas para a tua idade, que idiotas, tinham-na deixado entreaberta, e lá dentro havia dicionários e um livro com a lombada escondida, justamente para não dar nas vistas, e além desse outros com as imagens anatómicas, que não eram como as do liceu, essas eram absolutamente técnicas, mas mal tirou o álbum as gravuras de anatomia deixaram de lhe interessar, porque o álbum era como uma fotonovela, mas tão estranha, as legendas eram uma pena, em francês, e mal se entendiam algumas palavras soltas: *la sérénité est sur le point de basculer*. *Sérénité* queria dizer serenidade, mas *basculer*, quem sabe, era uma palavra estranha. *Bas*, que queria dizer meia, *les bas* Dior da Peçonhenta, mas *culer*, meias de *culer*, isso não queria dizer nada, e as mulheres das imagens estavam sempre nuas ou com saias e túnicas, mas não usavam meias, talvez *culer* fosse outra coisa, e Wanda também pensara o mesmo quando Teresita lhe mostrara o

álbum, e tinham-se rido como loucas, essa era a parte boa com Wanda, nas tardes de sesta, quando as deixavam sozinhas em casa.

— Não está calor suficiente para nos despirmos — repetiu Wanda.
— Porque é que és tão exagerada? Eu disse isso, sim, mas não era isso que queria dizer.

— Então não gostas de estar como as mulheres das imagens? — troçou Teresita, esticando-se no sofá. — Olha bem para mim e diz-me se não estou igualzinha àquela onde tudo parece feito de vidro e ao longe se vê um homenzinho que vem pela rua. Despe as cuecas, idiota, não vês que estragas o efeito?

— Não me lembro dessa imagem — retorquiu Wanda, pousando indecisa os dedos no elástico das cuecas. — Ah, sim, acho que me lembro, havia um candeeiro no tecto e, ao fundo, um quadro azul com a lua cheia. Era tudo azul, não era?

Vá-se lá saber porquê, mas na tarde do álbum tinham-se demorado muito tempo nessa imagem, apesar de haver outras mais excitantes e estranhas, como a de *Orphée*, que, segundo o dicionário, queria dizer Orfeu, o pai da música que desceu aos infernos, só que, na imagem, não havia nenhum inferno, apenas uma rua com casas de tijolos vermelhos, um pouco como no início do pesadelo, embora depois tudo tivesse mudado e fosse outra vez o beco com o homem da mão postiça, e por aquela rua de casas de tijolos vermelhos vinha Orfeu, nu. Teresita tinha-lha mostrado logo, embora, à primeira vista, Wanda tivesse pensado que era mais uma das mulheres nuas, até que Teresita soltou uma gargalhada e apontou com o dedo precisamente para ali, e então Wanda percebeu que se tratava de um homem muito jovem, mas um homem, e ficaram a olhar e a estudar Orfeu, perguntando-se quem seria a mulher de costas no jardim e porque estaria de costas, com o fecho da saia meio desabotoado, como se essa fosse uma maneira normal de passear pelo jardim.

— É um adorno, não um fecho — descobriu Wanda. — Dá essa impressão, mas se reparares bem, é uma espécie de dobra que parece um fecho. O que não se percebe é porque é que Orfeu vem pela rua nu e a mulher fica de costas no jardim, atrás da parede; é estranhíssimo.

Orfeu parece uma mulher, com essa pele tão branca e essas ancas. Se não fosse por aquilo, claro.

— Vamos procurar outra onde ele se veja mais de perto — sugeriu Teresita. — Tu já viste homens?

— Não, como assim? — respondeu Wanda. — Eu sei como é, mas como é que queres que eu veja? É como os meninos, mas maior, não? Como o *Grock*, mas ele é um cão, não é a mesma coisa.

— A Chola diz que, quando estão apaixonados, cresce-lhes três vezes mais e então é quando acontece a fecundação.

— Para terem filhos? A fecundação é isso ou quê?

— És mesmo parva, miúda. Olha esta, parece quase a mesma rua, mas há duas mulheres nuas. Porque é que este desgraçado pinta tantas mulheres? Repara, parece que se cruzam sem se conhecerem e que cada uma segue para o seu lado. Estão completamente loucas, nuas em plena rua e nenhum polícia para protestar. Isso não pode acontecer em lado nenhum. Olha para esta, há um homem, mas está vestido e esconde-se numa casa, só se vê a cara e uma mão. E essa mulher vestida de ramos e folhas; eu bem te digo que são doidas.

— Não vais sonhar mais — prometeu a tia Lorenza, acariciando-a.

— Agora dorme, vais ver que não vais sonhar mais.

— É verdade, já tens pêlos, mas poucos — dissera Teresita. — É estranho, ainda pareces uma menina. Acende-me o cigarro. Vem cá.

— Não, não — dissera Wanda, rindo-se e tentando soltar-se. — O que é que estás a fazer? Não quero, larga-me.

— És mesmo tolinha. Olha, vais ver, eu ensino-te. Mas não te faças nada, fica quieta e vais ver.

À noite, tinham-na mandado para a cama sem lhe permitirem que as beijasse, o jantar tinha sido como nas imagens, onde tudo era silêncio, apenas a tia Lorenza a olhava de vez em quando e lhe servia o jantar; durante a tarde, ouvira ao longe o disco da tia Adela e as vozes chegavam-lhe como se a estivessem a acusar, *Te lucis ante terminum*, já tinha decidido suicidar-se, e fazia-lhe bem chorar ao pensar na tia Lorenza quando a encontrasse morta e todas se arrependeriam, suicidar-se-ia atirando-se do terraço para o jardim ou cortando os pulsos com a gilete da tia Ernestina, mas ainda não,

porque antes tinha de escrever uma carta de despedida a Teresita, dizendo-lhe que a perdoava, e outra à professora de Geografia, que lhe tinha oferecido o atlas encadernado, e ainda bem que a tia Ernestina e a tia Adela não sabiam que Teresita e ela tinham ido à estação para ver passar os comboios e que, à tarde, fumavam e bebiam vinho, e que, acima de tudo, não sabiam daquela vez, ao cair da tarde, em que voltara de casa de Teresita e, em vez de ir directa para casa como lhe mandavam, tinha dado uma volta ao quarteirão e o homem de negro tinha-se aproximado para lhe perguntar as horas, como no pesadelo, e talvez fosse apenas o pesadelo, oh sim, meu querido Deus, mesmo ali na entrada do beco que terminava no muro coberto de trepadeiras, e também então não se tinha dado conta (mas talvez fosse apenas o pesadelo) de que o homem escondia uma mão no bolso do casaco preto, até que começou a tirá-la muito devagar, enquanto lhe perguntava as horas, e era uma mão como que de cera rosa, com os dedos duros e entrelaçados, que ficava presa no bolso do casaco e saía pouco a pouco, aos puxões, e então Wanda tinha corrido, afastando-se da entrada do beco, mas já quase não se lembrava de ter corrido e de ter escapado ao homem que queria encurralá-la no fundo do beco, havia como que um vazio, porque o terror da mão postíça e da boca de lábios finos fixava aquele momento, e não havia nem antes nem depois, como quando a tia Lorenza lhe tinha dado de beber um copo de água, no pesadelo não havia antes nem depois, e, pior ainda, não podia contar à tia Lorenza que não era apenas um sonho, porque já não tinha a certeza, e tinha tanto medo que soubessem, e tudo se misturava, e Teresita, e a única coisa certa era que a tia Lorenza estava ali com ela na cama, aquecendo-a nos seus braços e prometendo-lhe um sono tranquilo, acariciando-lhe o cabelo e fazendo-lhe promessas.

— Gostas, não gostas? — disse Teresita. — Também se pode fazer assim, olha.

— Não, não, por favor — disse Wanda.

— Sim, ainda é melhor, sente-se o dobro, a Chola faz assim e eu também, vês como gostas, não mintas. Se quiseres, deita-te aqui e fazes tu mesma, agora que já sabes.

— Dorme, querida — dissera a tia Lorenza. — Vais ver que não vais sonhar mais.

Mas era Teresita quem se recostava com os olhos semicerrados, como se de repente estivesse exausta depois de ter ensinado Wanda, e parecia a mulher loira do sofá azul, só que mais jovem e morena, e Wanda pensava na outra mulher da imagem, que olhava para uma vela acesa, embora na sala de vidro houvesse um candeeiro no tecto, e a rua com os candeeiros e o homem à distância pareciam entrar no quarto, fazer parte do quarto, como quase sempre nessas imagens, embora nenhuma lhes tivesse parecido tão estranha como aquela chamada *Les Demoiselles de Tongres*, porque *demoiselles* em francês queria dizer *donzelas*, e, quando Wanda olhava para Teresita, que respirava com esforço, como se estivesse muito cansada, era como se estivesse a olhar novamente para a imagem das donzelas de Tongres, que devia ser um lugar, pois estava escrito com maiúscula, abraçando-se envoltas em túnicas azuis e vermelhas, mas nuas por baixo das túnicas, e uma tinha os seios à mostra e acariciava a outra, e ambas usavam boinas pretas e tinham o cabelo longo e louro, acariciava-a passando-lhe os dedos abaixo das costas, como Teresita tinha feito, e o homem careca de bata cinzenta era como o doutor Fontana, quando a tia Ernestina a levou até ele, e o doutor, depois de falar em segredo com a tia Ernestina, tinha-lhe dito que se despesse, e ela tinha treze anos, já começava a desenvolver-se, e por isso a tia Ernestina a levava, embora talvez não fosse só por isso, porque o doutor Fontana se riu, e Wanda ouviu quando ele disse à tia Ernestina que essas coisas não tinham assim tanta importância e que não havia necessidade de exagerar, e depois auscultou-a, observou-lhe os olhos, e a bata que usava era parecida com a da imagem, só que era branca, e disse-lhe para se deitar na marquesa, palpou-lhe a parte de baixo do corpo, e a tia Ernestina estava ali ao lado, mas tinha-se posto a olhar pela janela, ainda que da janela não se pudesse ver a rua, porque tinha cortinas brancas, até que o doutor Fontana chamou a tia Ernestina e lhe disse que não se preocupasse, e Wanda vestiu-se enquanto ele lhe passava uma receita com um tónico e um xarope

para os brônquios, e a noite do pesadelo tinha sido um pouco assim, porque, no início, o homem de negro era amável e sorridente, como o doutor Fontana, e só queria saber as horas, mas depois vinha o beco, como na tarde em que ela tinha dado a volta ao quarteirão, e, no fim, não lhe restava outra solução senão suicidar-se com a lâmina ou atirar-se do terraço, depois de escrever à professora e a Teresita.

— És uma idiota — dissera Teresita. — Primeiro, deixas a porta aberta como uma parva, e depois nem sequer és capaz de disfarçar. Aviso-te já, se as tuas tias forem contar à Peçonhenta, de certeza que me vão culpar a mim, e eu vou parar a um colégio interno, o meu pai já me avisou.

— Bebe mais um pouco — disse a tia Lorenza. — Agora vais dormir até amanhã sem sonhar com nada.

Isso era o pior, não poder contar à tia Lorenza, explicar-lhe por que motivo tinha fugido de casa na tarde em que a tia Ernestina e a tia Adela estavam lá e andado por ruas e mais ruas sem saber o que fazer, pensando que tinha de se suicidar imediatamente, atirar-se para debaixo de um comboio, e olhando para todos os lados, porque talvez o homem estivesse ali de novo e, quando chegasse a um lugar solitário, aproximar-se-ia para lhe perguntar as horas, talvez as mulheres das imagens andassem nuas por essas ruas porque também tinham fugido de casa e tinham medo desses homens de bata cinzenta ou fato negro, como o homem do beco, mas nas imagens havia muitas mulheres, e, no entanto, agora ela andava sozinha pelas ruas, mas pelo menos não estava nua como as outras, e nenhuma vinha abraçá-la com uma túnica vermelha ou dizer-lhe que se deitasse, como Teresita e o doutor Fontana lhe tinham dito.

— Billie Holiday era negra e morreu de tanto tomar drogas — disse Teresita. — Tinha alucinações e essas coisas.

— O que são alucinações?

— Não sei, uma coisa qualquer terrível, gritam e contorcem-se. Sabes que tens razão? Está um calor horroroso. É melhor tirarmos a roupa.

— Não está calor suficiente para nos despiremos — dissera Wanda.

— Comeste demasiado guisado — disse a tia Lorenza. — O guisado é pesado à noite, como as laranjas.

— Também se pode fazer assim, olha — dissera Teresita.

Vá-se lá saber porquê, mas a gravura que melhor recordava era a daquela rua estreita com árvores de um lado e uma porta em primeiro plano no passeio em frente, ainda por cima no meio da rua, uma mesinha com um candeeiro aceso, e isso apesar de ser pleno dia. «Acaba com essa história da mão postiça», dissera Teresita. «Vais ficar assim a tarde toda? Primeiro queixas-te do calor e depois a única que se despe sou eu.» Na imagem, ela afastava-se arrastando pelo chão uma túnica escura, e na porta, em primeiro plano, estava Teresita, olhando para a mesa com o candeeiro, sem perceber que, ao fundo, o homem de negro esperava por Wanda, imóvel, de um lado da rua. *Mas não somos nós, pensara Wanda, são mulheres adultas que andam nuas pela rua, não somos nós. É como no pesadelo, uma pessoa pensa que está mesmo ali mas não está, e a tia Lorenza não me deixará continuar a sonhar.* Se ao menos pudesse pedir à tia Lorenza que a salvasse das ruas, que não a deixasse atirar-se para debaixo de um comboio, que o homem de negro nunca mais voltasse a aparecer, aquele que, na imagem, esperava ao fundo da rua, agora que estava a dar a volta ao quarteirão («vem directamente para casa e nada de andares armada em esperta na rua», dissera a tia Adela), e o homem de negro aproximava-se para lhe perguntar as horas e encurralava-a lentamente no beco sem janelas, cada vez mais encostada ao muro coberto de trepadeiras, incapaz de gritar, de suplicar ou de se defender, como no pesadelo, mas no pesadelo havia um vazio no final, porque a tia Lorenza estava lá, a acalmá-la, e tudo se apagava com o sabor da água fresca e as carícias, e também aquela tarde no beco terminara num vazio quando Wanda saíra a correr sem olhar para trás, até entrar em casa, trancar a porta e chamar *Grock* para vigiar a entrada, já que não podia contar a verdade à tia Adela. Agora era outra vez tudo como antes, mas no beco já não havia esse vazio, já não havia como escapar ou acordar, o homem de negro encurralava-a contra o muro e a tia Lorenza não ia acalmá-la, estava sozinha

naquele anoitecer, com o homem de negro que lhe tinha perguntado as horas, que se aproximava do muro e começava a tirar a mão do bolso, cada vez mais perto de Wanda, colada contra as trepadeiras, e o homem de negro já não perguntava as horas, a mão de cera procurava qualquer coisa por baixo da sua saia, e a voz do homem sussurrava-lhe ao ouvido: fica quieta e não chores, vamos fazer o que a Teresita te ensinou.

Julio Cortázar, nome maior da narrativa breve celebrado e revisitado por gerações de leitores, deixou-nos ao longo de quase quatro décadas doze volumes de contos — o palco da sua revolução literária —, a que se juntam os dispersos e inéditos descobertos no início deste século coligidos em *Papéis Inesperados*. Somando mais de mil páginas, estas obras-primas rompem com o modelo clássico da narrativa para abrir espaço ao fantástico, ao experimentalismo, ao labiríntico, ao humor, ao inexplicável no encontro do eu com o outro e com o real, e nelas desfilam temas que, como poucos, Cortázar soube converter em Literatura.

Numa iniciativa editorial inédita no nosso país, reúne-se pela primeira vez a totalidade dos contos do autor em dois únicos volumes. Este segundo abarca o período entre 1969 e 1983 e inclui os títulos: *O Último Round*, *Octaedro*, *Alguém que Anda Por Aí*, *Um Certo Lucas*, *Gostamos Tanto da Glenda*, *Desoras* e várias *Histórias (Inesperadas)*.

«Um clarão chamado Julio Cortázar.
Os seus contos estão agora reunidos.
Experimentais, insólitas, ficções breves que revelam
o avesso do real — ou dão-nos o real como uma entre muitas
possibilidades. Uma edição que merece celebração.»

Isabel Lucas, *Público*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-648-2



9 789895 836482